

## **SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL (COLONIAL): UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE ATRAVÉS DA OBRA *CASA GRANDE & SENZALA***

LIDIANA GONÇALVES GODOY ZANATI<sup>1</sup>

RICARDO OLIVEIRA DA SILVA (ORIENTADOR)<sup>2</sup>

**Resumo.** O sincretismo religioso é a presença de vestígios de algumas crenças religiosas em outras e no Brasil esta característica é percebida desde a sua colonização. Esta pesquisa visa analisar o livro de Gilberto Freyre *Casa Grande & Senzala* no intuito de verificar como esse autor interpretou o sincretismo religioso na sociedade (colonial) brasileira, pois foi um dos principais teóricos da historiografia brasileira que tratou deste assunto. Neste caso, para análise teórica e metodológica da referida obra, trabalharemos com a história das ideias, enfatizando a abordagem dialógica do historiador Dominick LaCapra, fazendo a relação das fontes com a abordagem teórica do Gilberto Freyre.

**Palavras-chave:** Brasil Colonial. Sincretismo religioso. Gilberto Freyre.

### **INTRODUÇÃO**

O nosso objetivo nesse trabalho será analisar a obra *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre, publicada originalmente no ano de 1933, no intuito de verificar como esse autor interpretou o sincretismo religioso na sociedade (colonial) brasileira, pois foi um dos principais teóricos da historiografia brasileira que tratou deste assunto, a partir da abordagem da história cultural.

Para análise teórica e metodológica da referida obra, trabalharemos com a história das ideias, enfatizando a abordagem dialógica do historiador Dominick LaCapra. O historiador Ricardo Silva mostra que para Dominick LaCapra é necessária e primordial “ler e interpretar os textos complexos e a necessidade de formular o problema da relação destes textos com diversos contextos” (SILVA, 2015, p. 19). Neste caso, a perspectiva de LaCapra é que o historiador aborde a compreensão e a reconstrução do passado a partir do uso da linguagem, pensando no texto em relação aos contextos. Para esse processo, LaCapra sugere

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS/CPNA. E-mail: lidygodoy@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutor em História pela UFRGS, Professor Adjunto de História na Universidade Federal Mato Grosso do Sul-UFMS/CPNA. Orientador no projeto de pesquisa Narrativas da Nação, cadastrado no SIGProj. E-mail: ricardorussel@gmail.com

seis conceitos analógicos importantes para se relacionar com o texto, os quais são “[...] intenciones, motivaciones, sociedade, cultura, el corpus e la estrutura [.. ]” (LACAPRA, 2012, p. 252). Desta maneira, nossa intenção será articular a relação entre o modo do discurso do texto e a abordagem de Gilberto Freyre.

## **1. A Obra**

Gilberto Freyre, natural de Recife, nasceu dia 15 de março de 1900. Fez bacharelado em Ciências e Letras e em Artes e especializou-se em política e sociologia. Ministrou aulas no Brasil e em diversas universidades na Europa e EUA. Sua vida foi dedicada a pesquisar e a escrever, assim realizou diversas viagens internacionais. Escreveu diversos livros e recebeu muitos prêmios importantes. Também teve vida política ativa como deputado federal. Faleceu no dia 18 de julho de 1987, com oitenta e sete anos.

Escreveu o livro: "*Casa Grande & Senzala: formação da família sob o regime da economia patriarcal*", publicado em 1933, uma das obras mais representativas sobre os problemas e a formação da sociedade brasileira. Os pontos mais relevantes desta obra são a organização social e política a partir da casa-grande, a miscigenação, o convívio dos proprietários e dos escravos e a presença indígena, ou seja, delimita-se na formação do Brasil híbrido, com participação do branco, do índio e do negro.

A obra de Gilberto Freyre trata de assuntos voltados à formação da sociedade brasileira com a participação híbrida dos povos, neste caso o branco europeu, o índio nativo e o negro escravo. O livro está dividido em cinco capítulos, em que o primeiro se refere às características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida. O segundo capítulo: O indígena na formação da família brasileira. O terceiro: O colonizador português: antecedentes e predisposições. O quarto: O escravo negro na vida sexual e familiar do brasileiro e o quinto como continuação do anterior.

Em síntese o primeiro capítulo levará ao leitor a organização econômica da sociedade brasileira em 1532, a qual era baseada na agricultura do açúcar. Focará na formação social e cultural em torno da casa-grande e das pessoas as quais moravam nela, como por exemplo, os senhores brancos e os padres e também sobre o convívio entre escravo negro e senhor branco na casa-grande e na senzala. A colonização como um empreendimento da

família patriarcal. O autor mostrará a formação social em volta da casa-grande delimitando os aspectos religiosos, alimentares e de convívio. Com a colonização também abordará a questão da miscigenação que gerou o hibridismo na sociedade brasileira focando na facilidade de adaptação dos colonizadores portugueses.

No segundo capítulo, o autor falará da chegada dos europeus na América e a degradação da sociedade indígena em contato com os brancos portugueses, a interação com os jesuítas e as contribuições indígenas na cultura, na culinária e na medicina. Também mostrará a parte religiosa da cultura indígena, suas magias e ritos, assim como também o convívio entre si e o encanto que a Índia era para o português.

No terceiro capítulo será apresentado o colonizador português e suas características, o poder da Igreja Católica, a imigração dos mouros e judeus e a iniciativa privada na colonização.

No quarto e no quinto capítulo, Gilberto Freyre mostrará a herança da cultura africana, suas lendas, mitos, rituais, festas e astrologias, as quais contribuíram para o desenvolvimento cultural da sociedade brasileira. Enfatiza o campo sexual com as relações entre as raças, à educação das crianças brancas pelas escravas negras, os colégios jesuítas, o senhor-de-engenho como um homem que não trabalhavam e a culinária negra.

Gilberto Freyre apresenta uma abordagem que favorece o âmbito cultural enriquece a historiografia brasileira com detalhes da sociedade no Brasil colonial. Isto se dá por que o autor busca em variadas fontes como inventários, registros inquisitórios e eclesiásticos, atas, documentos médicos, arquivos de família, livros de viagens, jornais, cartas, livros de receitas e muitas outras, as quais ajudam o autor no relato das diversas informações da vida, dos costumes, das crenças e das relações que se tinham naquele momento.

## **2. A religião na formação brasileira**

As referências de Gilberto Freyre em *Casa Grande & Senzala* enfatiza a presença da religião como um dos elementos constitutivos na formação da sociedade brasileira, com predomínio do catolicismo, um “cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas crenças da senzala.” (FREYRE, 2006, p. 44). A ideia que Freyre apresenta é um tipo

de catolicismo luso-brasileiro enquadrado ao novo ambiente como resultado do equilíbrio entre as raças, não nos esquecendo de um fator preponderante que é a predisposição do português para a colonização híbrida em que Freyre explica pelo “passado étnico, ou antes, cultural, de um povo indefinido entre a Europa e a África” (FREYRE, 2006, p. 66), antes de chegar ao Brasil.

Para entendermos o pensamento de Freyre, um fator importante é a influência da antropologia moderna de Franz Boas na vida de Gilberto Freyre, em que Marcussi faz referencia mostrando que para Freyre

a ordem patriarcal teria sua estabilidade fundada no fato de que oferecia uma série de espaços de confraternização entre seus elementos opostos (entre senhores e escravos e entre as diversas raças e culturas), espaços nos quais os choques seriam amortecidos e os antagonismos se harmonizariam sem que exatamente se diluíssem uns nos outros.(MARCUSSE, 2009:02)

Neste aspecto, podemos verificar que para Gilberto Freyre o “equilíbrio de antagonismos” é o fator positivo da miscigenação, segundo suas próprias palavras foram as orientações do professor Boas que o fez “considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relação puramente genéticas e os de influencias sociais, de herança cultural e de meio” (FREYRE, 2006, p. 32) fazendo com que desse ênfase na cultura e não na raça como fator explicativo da formação da sociedade brasileira.

Stuart Hall (1998) explica que as sociedades modernas são investidas de interação e fragmentação constante, reestruturam a ideia de espaço e tempo e rapidamente reformulam as próprias práticas que se interconectam com os demais. Assim Freyre remete a ideia de que nos espaços de relacionamento entre os portugueses, os negros e os índios havia uma harmonia abrandada e de certa forma inserida de ambos os lados, inclusive na questão religiosa, mesmo que de preponderância cristã.

REIS nos mostra que Freyre interpreta a sociedade brasileira pensando numa concepção de tempo sem rupturas, contínua e integrada entre o velho e o novo, em que “é vista como uma história pacífica, tranquila, integradora das diferenças.” (REIS, 2006, p. 80), o que percebemos é que isso se dá inclusive no viés religioso.

## 2.1 O Índio

A ideia que Freyre mostra a respeito do modo de vida do índio salienta principalmente as “relações sexuais e de família; magia e a mítica” (FREYRE, 2006, p. 167) os quais se integram à cultura portuguesa. Um dos primeiros choques apresentados por Freyre foi à questão religiosa do casamento entre laços sanguíneos relatados pelo padre Anchieta em que os próprios padres realizavam os casamentos.

Gilberto Freyre sempre se refere ao misticismo como resposta ao surgimento de manifestação religiosa que percebe na sociedade, como o caso do encarnado, a cor vermelha que Freyre observa preferencialmente no índio, mas também nas práticas portuguesa e africana. Para Gilberto Freyre em “qualquer das três vias, trata-se de um costume místico, de proteção ou de profilaxia do indivíduo contra espíritos ou influências más” (FREYRE, 2006, p. 173).

Freyre atribui aos europeus a culpa pela degradação da raça e da cultura indígena, ele define a diferença entre raças com a distinção de superiores e inferiores, neste momento ele enfatiza que o contato dessas duas só pode produzir ou extermínio ou degradação, assim podemos observar que para Freyre no Brasil a raça indígena “intoxicou” a moral católica, mas ao mesmo tempo também observamos que para Freyre foi o catolicismo que “sufocou” muitos modos de vida indígena, como algumas danças e festividades, “procurando destruir, ou pelo menos, castrar, tudo o que fosse expressão viril de cultura artística ou religiosa em desacordo com a moral católica e com as convenções europeias.” (FREYRE, 2006, p. 178-179). Notamos que apesar de Gilberto Freyre rejeitar o conceito de raça como fator explicativo da formação da sociedade brasileira, ele não rompe totalmente com o conceito ao se referir aos indígenas.

A presença do animismo e do totemismo indígena na sociedade brasileira enlaçada de alguma forma na cultura é vista por Gilberto Freyre como resquício das experiências e superstições indígenas que foram diminuídas, porém ao mesmo tempo, assimiladas entre as culturas, como “é o folclore, são os contos populares, as superstições, as tradições que o indicam.” (FREYRE, 2006, p. 211). Para Freyre isso representa uma integração ao meio e uma predisposição dos portugueses em incorporar e assimilar.

Para Freyre “O brasileiro é por excelência o povo de crença no sobrenatural” (FREYRE, 2006, p. 212) e caracteriza a crença no sobrenatural na cultura brasileira derivada da herança ancestral primitiva, inclusive também a selvageria, das quais se entende no

pensamento de Freyre como resultado de “culturas oprimidas explodindo para respirar” (FREYRE, 2006, p. 213).

## 2.2 O colonizador

Para Freyre o colonizador europeu “melhor confraternizou com as raças chamadas inferiores. O menos cruel na relação com os escravos” (FREYRE, 2006, p. 265), porém foi o português, mais do que qualquer colonizador europeu que sobressai com sua plasticidade, isto para Freyre é o resultado de uma facilidade de cruzamento e miscigenação, ambas características da sociedade portuguesa.

Gilberto Freyre caracteriza a formação da sociedade portuguesa pelo desempenho de ordens religiosas, como por exemplo, os judeus e os mouriscos; sendo assim, Freyre acredita que “a nação constituiu-se religiosamente, sem prejuízo das duas grandes dissidências que por tolerância política da maioria, conservaram-se [...]” (FREYRE, 2006, p. 284). Desta forma, Gilberto Freyre defende que devido à cultura portuguesa ter sido influenciada tanto pelos judeus, quanto pelos mouros, já provinha de antagonismos religiosos da Europa e teve facilidade para colonizar a América tropical e absorver outras influências ou ainda tolerá-las.

A partir deste ponto notamos somaticamente relatos de Freyre, notando o caráter social na sociedade colonial cheia de sincretismo religioso, como por exemplo, algumas festas aos santos com presença afrodisíaca africana como a festa de São João, ou a proteção de Santo Antônio, “um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil” (FREYRE, 2006, p. 326-327) e ainda o culto a São Gonçalo repleto de “elementos orgásticos africanos que teria absorvido no Brasil” (FREYRE, 2006, p. 329). Para Freyre a sobrevivência pagã no cristianismo português teve papel importante.

## 2.3 O negro

Freyre dedica para o negro dois capítulos de sua obra, para ele “trazemos quase todos a marca da influência negra” (FREYRE, 2006, p. 367), inclusive as influências religiosas. Podemos também nos referir a influências que marcaram a sociedade colonial, como a culinária e a agricultura.

Para Gilberto Freyre há uma diferença entre raças, um termo que frequentemente ele utiliza, baseando nos estudos de Nina Rodrigues, o qual considera o negro brasileiro uma raça superior a de outros negros. Porém, para Freyre “não era a “raça inferior” a fonte da corrupção, mas o abuso de uma raça por outra.” (FREYRE, 2006, p. 402), ou seja, a condição de escravidão que degrada e diminui o negro e não a sua raça.

Também é Nina Rodrigues que verifica “proeminência intelectual e social entre os negros importados para o Brasil” (FREYRE, 2006, p. 393), os quais se observavam elementos religiosos maometanos fortemente expressos e com saliente intelectualidade. Observamos nos relatos de Gilberto Freyre uma relação que parece ter ocorrido entre as diferenças de religiosidades na atuação cultural desenvolvida na formação brasileira, em que “forçosamente o catolicismo no Brasil haveria de impregnar-se dessa influencia maometana como se impregnou da animista e fetichista, dos indígenas e dos negros menos cultos.” (FREYRE, 2006, p. 394).

Freyre refere sobre “práticas em que às influencias africanas misturavam-se, muitas vezes descaracterizados, traços de liturgia católica e sobrevivência de rituais indígenas” (FREYRE, 2006, p. 407), assim nos chama a atenção às influencias africanas, misturadas com as liturgias católicas e rituais indígenas, destacando uma sociedade sincrética, realmente misturada docilmente, afirmando assim, um catolicismo não tão rigoroso como o europeu, mas flexível e determinante na formação da sociedade brasileira.

### **Considerações finais**

Gilberto Freyre marca a historiografia brasileira com sua abordagem inovadora sobre a história brasileira. A partir de sua obra *Casa Grande & Senzala* percebemos sua compreensão sobre o Brasil (colonial), nomeadamente ao que se refere à religiosidade sincrética. Verificamos que o pensamento freyriano subsidia o entendimento social e coopera para a interpretação do processo histórico.

No pensamento de Gilberto Freyre encontramos novas possibilidades para o entendimento histórico de uma nação. Com sua abordagem culturalista percebemos a valorização da miscigenação étnica e também cultural, o que favorece inclusive a sua

interpretação da formação da sociedade colonial com elementos religiosos do português, do indígena e do africano, fatores importante na formação de uma sociedade híbrida.

Nesta perspectiva histórica, podemos concluir que Gilberto Freyre interpreta o sincretismo religioso no Brasil (colonial) como uma realidade na formação da cultura nacional, fator presente na identidade do brasileiro, uma junção de diversidade que sela a diversidade cultural brasileira, com muitas similaridades e peculiaridades.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51ª ed. rev. São Paulo: Global. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LACAPRA, Dominick. História Intelectual: Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elías José. **Giro Linguístico e a história intelectual**. 1ª Ed. 1ª Reimp. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012. P. 237-293.

MARCUSSI, Alexandre Almeida. Trocas culturais e afetividade em Gilberto Freyre e Franz Boas. In: Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo e Flávia Florentino Varella (orgs.). **Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia**: aprender com a história? Ouro Preto: Edufop, 2009. ISBN: 978-85-288-0061-6.

REIS, José Carlos. Anos 1930: Gilberto Freyre – O relogio da colonização portuguesa. In: REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. 8ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006. Pg. 51-82.

SILVA, Ricardo Oliveira Da. **História das ideias**: abordagens sobre um domínio historiográfico. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. RBHCS. Vol. 7 nº 13, junho de 2015.



